



## EDITORIAL

**Avaliação CAPES de Programas de Pós-Graduação em Enfermagem e o *Qualis* de periódicos científicos: aproximações e desafios**

Elaine Drehmer de Almeida Cruz<sup>1</sup>

A importância da construção, disseminação e aplicação de conhecimentos é inegável para qualificar a prática profissional, bem como para conferir relevância aos Programas de Pós-Graduação. No Brasil, entre os 518 Programas de Pós-Graduação da Grande Área “Ciências da Saúde”, a Área de Enfermagem conta com 54 Programas *stricto sensu*, com 76 cursos de doutorado, mestrado profissional e mestrado acadêmico. Esses Programas são avaliados trienalmente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que toma por base critérios que vão desde os requisitos básicos já estabelecidos pela legislação para o reconhecimento do curso, até padrões e indicadores de desempenho de excelência. As notas conferidas aos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem variam de 3 a 6, mas, para o triênio 2011-2013, o desafio para a Área é o de reduzir o número de Programas com nota 3 e alavancar um maior número deles para atingir notas 6 e 7, sendo esta última a nota máxima. Portanto, parte-se do princípio de que todos os Programas têm como desafio alçar níveis superiores de pontuação.

Entre os critérios de avaliação utilizados pela CAPES estão a construção, transferência e sedimentação de conhecimentos para o aprimoramento da prática da Enfermagem. Assim sendo, a produção intelectual dos docentes é um quesito de avaliação dos Programas de Pós-Graduação e, de forma indireta, uma ferramenta de avaliação dos periódicos científicos nos quais as pesquisas são publicadas. Neste contexto, estão diretamente implicadas as revistas científicas nacionais, cujo compromisso social vem a ser o de disseminar o conhecimento por meio da divulgação dos produtos dos Programas de Pós-Graduação de nosso país.

Com relação aos periódicos científicos, estes são classificados pela CAPES em *Qualis*, uma forma de estratificação da qualidade que varia desde a classificação em A1 (pontuação máxima) até A2, B1, B2, B3, B4, B5, ou C (pontuação nula para o Programa), e de acordo com critérios próprios de cada Área. A qualidade do periódico é avaliada levando-se em consideração, principalmente, sua inclusão em bases indexadoras consideradas pertinentes para a Área e o índice de impacto da respectiva base. O impacto representa a quantidade de citação do artigo e pretende mensurar, ainda que com possíveis distorções, a

<sup>1</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná. Membro do Grupo Multidisciplinar em Saúde do Adulto (GEMSA). Editor da Revista *Cogitare Enfermagem*.

relevância do conhecimento divulgado para determinada comunidade científica. A relevância da indexação, portanto, está na visibilidade e na utilização intelectual do produto. As bases de indexação, por sua vez, utilizam critérios próprios para a inclusão de periódicos, estando entre esses, a qualidade dos artigos publicados relativa à consistência metodológica, à atualidade e à apresentação de conhecimento novo e de relevância para a ciência.

Sendo a publicação dos docentes e o *Qualis* do periódico elementos de avaliação dos Programas, as equipes editoriais das revistas têm como desafio, paralelamente ao aprimoramento científico, levar a cabo sua indexação em bases de dados de interesse para a Área de Enfermagem. Este movimento deve resultar em maior disseminação do conhecimento, ao mesmo tempo em que o periódico atende as necessidades dos Programas de Pós-Graduação.

Considerando-se que o *Qualis* tem papel indutor quanto à escolha do autor sobre onde publicar seu estudo, revistas cuja classificação é B3, B4, B5 ou C (correspondendo, respectivamente, às notas 30, 25, 10, 5 e zero atribuídas pela CAPES) tornam-se muito pouco atrativas. Os pesquisadores buscam, pelo menos num primeiro momento, enviar seu produto para periódicos com *Qualis* B2, B1, A2 e A1 (cujo peso da publicação varia de 50 a 100). Ora, esse processo cria, inevitavelmente, um círculo vicioso, no qual periódicos com melhor nível *Qualis* recebem um maior volume de artigos para apreciação, exigindo por sua vez uma seleção mais refinada, o que resulta num conjunto de artigos mais consistente, inovador e de abrangência internacional; por conseguinte, esses periódicos terão melhores condições de ampliar sua inclusão em outras bases de indexação, influenciando também no aumento do fator de impacto, e assim com maior possibilidade de ascender na classificação *Qualis*. Em contrapartida, os periódicos cujas publicações são avaliadas como inferiores encontrarão dificuldades consideráveis para modificar sua situação. Superar esta conjuntura é o desafio do corpo editorial de periódicos, cujo nível *Qualis* é menor.

Cabe ressaltar, no entanto, que pelos atuais critérios da CAPES, os periódicos classificados nos estratos A1 e A2 não devem ultrapassar 25% do total de periódicos qualificados pela Área, e a somatória de A1, A2 e B1 não deve ultrapassar os 50%. Desse modo, ainda que o esforço do corpo editorial resulte em ações para ascender no *Qualis*, havendo o estrato atingido o percentual estabelecido, o periódico não terá a garantia da alteração de sua classificação.

Esta contradição nos faz lembrar outras que têm assomado em nossa prática e que julgamos oportuno registrar aqui, com o objetivo de refletir e avançar na sua superação. Como valorizar a publicação de pesquisas locais - cujos resultados retratam o cenário nacional e contribuem para a sustentação e indução de políticas públicas brasileiras -, porém sem interesse para periódicos cujas bases têm alcance internacional? Qual o futuro dos periódicos cujo índice *Qualis* não atrai o pesquisador? É válido o empenho para captar artigos consistentes, de pesquisadores nacionais e internacionais; compor um corpo editorial respeitável e que represente, além das diversas regiões do Brasil, diferentes países? Como estabelecer estratégias para que os pareceres dos consultores sejam consistentes e retornem em tempo que não comprometa a necessária agilidade e, ao mesmo tempo, respeitem as exigências do processo de avaliação *Qualis*? Como zelar pelos aspectos éticos e normas internacionais de editoração; respeitar os leitores mantendo a pontualidade das edições; profissionalizar o processo de editoração; entre outros importantes elementos necessários e, igualmente, atingir a tão almejada pontuação *Qualis*?

Em outras palavras, estamos colocando em questão as possibilidades e os limites do sistema *Qualis*,

que como vimos, nos levam a grandes contradições. No momento em que o corpo editorial considerar esgotado o potencial de aprimoramento qualitativo do seu periódico, focando seu trabalho única e exclusivamente no referencial *Qualis*, é bem possível que não haverá perspectivas de crescimento por sistema!

Contudo, tal questionamento não deve ser motivo para deixar de acreditar na superação dos desafios e de ter como meta a defesa do principal compromisso dos periódicos científicos: disseminar o conhecimento, socialmente relevante.